

PEQUENOS CONTOS PARA SONHAR

Histórias tradicionais de muitos lugares

Adaptados por Mario Urbanet

Vários ilustradores

Tradução de Eduardo Brandão



Copyright © 2009 by Éditions Glénat

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Petits contes pour rêver: contes traditionnels d'un peu partout

Revisão

Marina Nogueira

Viviane T. Mendes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Urbanet, Mario
Pequenos contos para sonhar: histórias tradicionais de
muitos lugares / Mario Urbanet; tradução de Eduardo Brandão.
— 1. ed. — São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2012.

Título original: *Petits contes pour rêver: contes traditionnels d'un peu partout*.
Vários ilustradores.
ISBN 978-85-7406-527-4

1. Contos - Literatura infantojuvenil I. Título.

12-02759 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura infantil 028.5
2. Contos: Literatura infantojuvenil 028.5

2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORARIA SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP — Brasil

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletrinhas.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

*A Hadrien, Samuel, Ella e Zoé, meus netos
adorados, para que continuem a sonhar e
façam sonhar um dia outras crianças...
E assim por diante...*

Mario Urbanet

SUMÁRIO

6 SABER LER OU SONHAR
História da Áustria ilustrada por Clémentine Sourdais

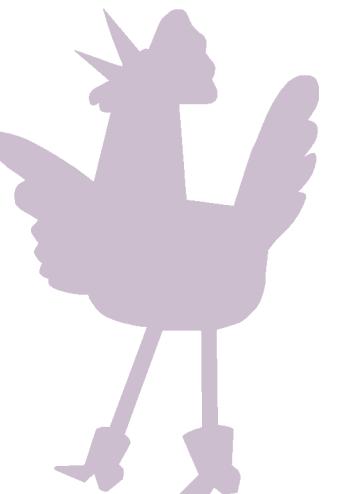


10 A AVE E O FILHOTE DE HOMEM
História da República Democrática do Congo
ilustrada por Marion Puech

14 O GALO DO DESTINO
História da Argélia ilustrada por Clémentine Sourdais

18 O TESOURO DISTANTE
História da Espanha ilustrada por Clémentine Sourdais

24 A PRECE QUE TUDO PODE
História da Índia ilustrada por Marion Puech



28 A VOVÓ ESTRELA
História da Croácia ilustrada por Marion Puech

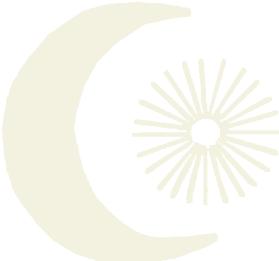
32 A TARTARUGA E A GAZELA
História do Senegal ilustrada por Ilya Green

O PESADELO
História da França ilustrada por Ilya Green

O GÊNIO DA FELICIDADE
História da Costa do Marfim ilustrada por Ilya Green

SOBRE O AUTOR

SOBRE OS ILUSTRADORES





SABER LER OU SONHAR

Dois amigos, fãs de montanhismo, foram juntos fazer uma caminhada na montanha. Cansados a ponto de não conseguirem dar nem mais um passo sequer, largaram as mochilas no chão e ficaram admirando a paisagem que viam lá do alto, como se fossem pássaros. As dores nas costas e a respiração ofegante deram lugar à contemplação. Era nesses momentos privilegiados que eles falavam de suas aspirações e contavam segredos um ao outro. Nada parecia ser capaz de separá-los, de tão bem que se entendiam.

Mas havia uma coisa que os diferenciava. Quando não estavam caminhando nas montanhas, um sempre dormia num instante, para mergulhar em sonhos em que era o protagonista das mais loucas aventuras; e o outro passava seu tempo livre lendo. Como sempre, depois de terem desfrutado da vista maravilhosa, trocavam impressões.

— Em que você pensa durante as caminhadas?

— Relembro minhas leituras e, assim, absorvo melhor as ideias que encontro nos livros, fazendo-as circular pelo meu sangue a toda velocidade! Tenho a impressão de que quase reescrevo o livro que li enquanto caminho.

— Ler não serve para nada, é perda de tempo! Minhas histórias nascem dos meus sonhos. Eles as criam sem parar! E sempre os melhoro nas caminhadas, invento continuações para os meus sonhos. E isso ocupa todo o meu tempo.

— Você é mesmo muito criativo, mas garanto que está perdendo enor-



mes prazeres, há mais ideias em muitas cabeças do que numa só. Por isso é tão interessante ler o que pessoas tão diferentes entre si escreveram, coisas que a gente nunca teria pensado sozinho!

— Para mim, meus sonhos bastam. Aliás, vou aproveitar o sossego daqui para tirar uma soneca e viver novas aventuras.

— Você é quem sabe. Eu vou descobrir um novo capítulo deste maravilhoso romance que trouxe na mochila.

Cada um deles usou o instante de descanso para se dedicar à sua ocupaçāo favorita, ao abrigo daquelas árvores cuja sombra é tão apreciada pelos caminhantes. O sol, seguindo seu percurso rumo ao oeste, moveu um pouco a sombra e com seu vivo clarão acordou o dorminhoco. Pulando como se fosse uma mola comprimida, ele interrompeu a leitura do amigo:

— Se eu contasse o que acabo de descobrir, você seria obrigado a reconhecer que o sonho é superior à leitura.

— Se em vez de dormir e perder seu tempo você tivesse lido o que acabo de ler, você teria se enriquecido tanto quanto eu.

— “Enriquecer” é a palavra certa. Você nem imagina como acertou na mosca! Sonhei que ali, debaixo daquela pedra em forma de cabeça de pássaro, tinha um tesouro enterrado! O que você acha, hein?

— Acho que foi um sonho lindo, mas, assim como todos os sonhos, ele se evapora quando a gente acorda, e não sobra mais nada.

— Só que o meu é verdadeiro! Aquela pedra é diferente de todas as outras, então o tesouro está ali, basta a gente cavar para saber.

— Bom, se você pensa assim, é só começar a trabalhar: o tesouro imaginário é seu, não meu!

Ele voltou à leitura, enquanto o outro cavava com sua piqueta de escalada, removendo terra e pedras. Um berro entusiasmado interrompeu o leitor:

— Acheeeeii! Tem uma caixa escondida aqui, está embaixo de um peregrulho. E encontrei um pergaminho grudado nela, venha ver!

Muito a contragosto, seu amigo deixou o livro de lado e foi até lá. Havia mesmo um pergaminho ali, e ele o pegou e leu em voz alta:

“Isto é o soldo do exército imperial, composto de seis caixotes idênticos contendo mil escudos de ouro cada. Eu os enterrei aqui para que escapassem do inimigo, que nos forçou a bater em retirada. Os outros caixotes estão enterrados a cada vinte e sete pés a partir daqui na direção do poente. Assinado: Tenente Wilhelm Goeutz, do III Regimento Imperial de Lanceiros.”

Perplexo, o rapaz demorou a se recuperar. Por fim disse:

— Você tinha razão. Este é o seu tesouro.

— O nosso, você quer dizer, porque afinal você me ajudou.

— Não, foi você quem sonhou com ele, ele pertence a você. Se topar, fico só com o pergaminho como lembrança.

O outro rapaz insistiu por insistir. Tirou o precioso caixote do esconderijo, jogou-o nas costas e foi correndo para o vale, louco para contar a todos a sua sorte.

O outro se pôs a pensar no que ia fazer depois, caminhando em seu ritmo costumeiro em direção à cidade. Primeiro arranjaria uma bússola e uma trena, então voltaria àquele monte com uma mula, uma picareta e uma pá, e cavaria os lugares indicados...

“Na verdade”, ele pensou, “ler é bom, mas às vezes sonhar também é.” E logo começou a imaginar o que faria com aquela fortuna que o esperava pacientemente lá no alto. Afinal, o sonho não era tão desagradável, e ele decidiu dedicar o tempo necessário a essa atividade.

**Ler e sonhar, sonhar e ler,
duas coisas boas de se fazer.
Mas se a fortuna entra em cena,
a amizade às vezes se envenena.**